

RELATÓRIO EXECUTIVO

Impactos da Guerra EUA x Irã sobre o Agronegócio Brasileiro

Março 2026 | Cogo Inteligência em Agronegócio

1. Choque Geopolítico e Reprecificação Global de Risco

O ataque dos EUA e de Israel ao Irã, seguido de retaliações e da ameaça de fechamento do Estreito de Ormuz, recolocou o petróleo no centro da formação de preços globais. O estreito concentra cerca de 20% do comércio marítimo mundial de petróleo e parcela relevante do fluxo de gás natural e fertilizantes nitrogenados. Trata-se de um choque essencialmente geopolítico, cujo epicentro não está na produção iraniana em si, mas no risco logístico. A reação inicial dos mercados refletiu forte alta do petróleo, valorização do dólar e do ouro e aumento da volatilidade nos ativos de risco. O mercado ainda precifica o risco potencial — e não uma ruptura estrutural dos fluxos —, mas a incerteza elevou significativamente a aversão global ao risco.

2. Energia, Fertilizantes e o Canal de Transmissão ao Agro

O principal canal de transmissão ao agronegócio é energético. Energia, no agro, significa diesel e fertilizantes. Mais de 30% da ureia global transita pelo Estreito de Ormuz, enquanto o Oriente Médio responde por mais de 40% das exportações globais de ureia, além de participação relevante em enxofre, amônia e ácido fosfórico. A suspensão ou redução do tráfego marítimo no Golfo Pérsico e no Mar Vermelho, especialmente via Estreito de Bab el-Mandeb e Canal de Suez, levou armadores como Maersk, Hapag-Lloyd e CMA CGM a redirecionarem embarcações pelo Cabo da Boa Esperança.

O desvio amplia o tempo de viagem entre 10 e 14 dias e pode elevar o custo do frete marítimo entre 300% e 500%. Para o Brasil, que importou mais de 45 milhões de toneladas de fertilizantes no último ano e mantém dependência externa próxima de 80%, o repasse tende a ocorrer rapidamente, sobretudo na ureia, no enxofre e na amônia — insumos críticos para a safra 2026/27, atualmente em fase inicial de estruturação.

3. Efeitos sobre os Mercados Agrícolas

Nos mercados agrícolas, o impacto ocorre por múltiplos canais. A valorização do petróleo melhora a competitividade dos biocombustíveis, oferecendo suporte indireto a soja e milho. Além disso, o aumento da incerteza estimula compras financeiras defensivas em commodities.

O trigo liderou movimentos recentes de alta, impulsionado por cobertura de posições vendidas e preocupações climáticas nos Estados Unidos. Já soja e milho seguem mais dependentes de seus próprios fundamentos, especialmente diante de uma safra recorde nos EUA e da forte recuperação produtiva na Argentina. O efeito líquido sobre o comércio global de grãos permanece incerto e dependerá essencialmente da duração e intensidade do conflito.

4. Brasil: Termos de Troca vs. Pressão de Custos

Para o Brasil, o choque tem natureza ambígua. De um lado, a elevação do petróleo melhora a balança comercial e fortalece os termos de troca, dado o peso das exportações de commodities. De outro, o país é importador relevante de diesel e fertilizantes, o que transmite rapidamente a alta do petróleo para custos logísticos e de produção agrícola.

O efeito imediato é:

- Alta do risco geopolítico
- Volatilidade cambial
- Pressão sobre ureia, enxofre e diesel

No curto prazo, o risco central é custo. No longo prazo, o risco passa a ser custo + demanda.

5. O Papel do Irã nas Exportações Brasileiras de Milho

O Irã consolidou-se como principal mercado individual do milho brasileiro em 2025, com 9 milhões de toneladas importadas – crescimento de 5,3 milhões de toneladas em relação ao ano anterior. O Oriente Médio respondeu por 30% das exportações brasileiras de milho no período. Esse movimento ocorre em um contexto de ampla oferta global, com safra recorde nos Estados Unidos e produção argentina acima de 60 milhões de toneladas. Em 2026, o Brasil enfrentará competição intensificada por mercados, ao mesmo tempo em que cresce a incerteza sobre a capacidade de compra iraniana. Caso o conflito seja prolongado, dois riscos emergem:

- Deterioração econômica regional, reduzindo demanda por milho, carne de frango e açúcar;
- Gargalos logísticos persistentes nos portos e rotas marítimas do Oriente Médio.

6. Reorganização das Rotas Globais e Disputa Estratégica

O conflito insere-se em um movimento mais amplo de reorganização logística global. De um lado está a Belt and Road Initiative, iniciativa chinesa que já acumula investimentos superiores a US\$ 1 trilhão desde 2013. De outro, o India-Middle East-Europe Economic Corridor (IMEC), apoiado por Estados Unidos, Índia e países do Golfo, com potencial de reduzir em cerca de 40% o tempo de trânsito entre Ásia e Europa. A instabilidade regional eleva o risco sobre esses corredores e amplia a disputa por controle energético e logístico. O Oriente Médio concentra parcela estratégica da produção global de petróleo, gás natural e nitrogenados – insumos essenciais ao agronegócio.

7. Cenários Prospectivos: Conflito Curto x Conflito Prolongado

Cenário 1 – Conflito Curto:

Choque concentrado na oferta de energia e fertilizantes, com pressão temporária sobre nitrogenados e fretes. Normalização gradual dos fluxos. O impacto predominante é custo.

Cenário 2 – Conflito Prolongado:

Alta estrutural de fertilizantes, diesel e fretes. Suspensão parcial de fluxos de gás natural liquefeito, risco sobre refinarias regionais e maior fragmentação logística. Soma-se o risco de destruição de demanda no Oriente Médio, afetando milho, açúcar e proteína animal.